

# *A encontra*<sup>1</sup>

## LAÇO ANALÍTICO DE PSICANÁLISE<sup>2</sup>

Escrever esse texto nos colocou de início uma certa dificuldade. Que dizer do encontro, palavra tão forte, cheia de sentidos os mais diversos, e, portanto, tão vaga?

Veio então à nossa lembrança, em livre associação partilhada entre os colegas do LAEP que tomaram para si a tarefa de elaborar esta comunicação, (e já que somos brasileiros) a palavra portuguesa *encontro*, sem o *re*. Para expressar o que vocês, franceses, querem dizer quando dizem *rencontre* nós, os lusófonos, dizemos *encontro*, sem o *re* e tendo um *o* no final. Mas existe também em francês a palavra *encontre*, sem o *re*, e então fomos ao Robert para aprender o sentido exato da palavra *encontro* e qual seria a diferença entre os dois termos em francês – *rencontre* e *encontre*, pois, de uso, não conhecíamos senão *rencontre*.

E uma coisa nos chamou a atenção: pelo que pudemos aprender em nossa curta pesquisa, a palavra *encontre* só é empregada em francês na expressão *à l'encontre de*, que quer dizer *ir contra, em oposição a*. Vimos, portanto, a evidência, entretanto invisível a até então: todas essas palavras, *encontre*, *rencontre*, e também em português, *encontro*, nas suas variações locucionais, derivam da palavra (e portanto da ideia) de *contra*, preposição que é a raiz dessas palavras.

---

<sup>1</sup> O título em português exigiu esta espécie de neologismo que consiste em colocar o termo *Encontro* no feminino (inexistente na língua oficial como substantivo) *Encontra*. O uso da preposição *contra*, fundamental no sentido dado ao texto, e que ficará claro na leitura, o exigiu. Por isso retiramos a contrabarra ( \ ) que o título em francês, que na verdade foi o original, exibe: *La ren\contre*, pois em francês esta palavra existe e contém a preposição *contre* separada, por isso, do *re* pela contrabarra.

<sup>2</sup> Trabalho elaborado pelos psicanalistas do LAÇO ANALÍTICO//ESCOLA DE PSICANÁLISE (Brasil) sob a coordenação textual e redação de Luciano Eli. O trabalho foi lido e transmitido pelos colegas de APPOA (ASSOCIAÇÃO PSICANALITICA DE PORTO ALEGRE), segundo o dispositivo de trabalho adotado no Colóquio LA RENCONTRE, organizado pelo Comitê de Ligação Francês (CLF) e realizado em Paris nos dias 17 e 18 de junho de 2017, logo após a reunião anual do CLG (Comissão de Enlace Geral) de Convergência, Movimento Lacaniano para a Psicanálise Freudiana, realizada em 15 e 16 de junho na mesma cidade. A presente tradução do texto em português, redigido originalmente em francês, é de Maria Silvia Elia Galvão, membro da Sede Rio do Laço Analítico // Escola de Psicanálise.

A oposição, a diferença habita assim o coração do encontro. E aí, e somente aí, começamos a entrar no campo da psicanálise para elaborar esse pequeno escrito.

Os corpos em encontro estão aí, um contra o outro, em vez de um *para, em direção do* outro, quaisquer que sejam seus sexos anatômicos.

Parece-nos desejável ler essa raiz, esse coração *contra* que habita todo encontro como a incidência da impossibilidade da relação sexual, chave de acesso a todo encontro possível. Sem essa incidência do *contra*, encontrar-se-ia talvez em posição de fundir com o outro, o que constitui o incesto do ponto de vista psicanalítico.

O texto de convocação para este Colóquio diz muito bem, ele bem diz uma outra dimensão do encontro, aquela do imprevisto, da surpresa – que nos parece solidária ao aspecto que destacamos primeiramente, pois nada é mais previsível e monótono que as tentativas de incesto. O suspense (não a suspensão, segundo a distinção feita no texto), a contingência, a liberação dos movimentos do inconsciente, tudo isso contraria a busca esférica da união do um ao outro, em que não há lugar para o encontro.

Há o Um, <sup>3</sup>o que, em vez de anunciar a fusão do um com o outro (sexos) no princípio de Eros puro, sozinho, é para se tomar como “O Um sozinho”. Se o que se dirige para a *Vereinigung* (união) primordial e mítica de que Freud faz o ponto de partida de sua análise dos julgamentos constitutivos do sujeito (*Die Verneinung*, 1925) é a *Ausstossung*, a expulsão do objeto no real, e só depois dessas duas operações dialecticamente opostas é que há lugar para que se possa falar do par *Bejahung / Verneinung*, o segundo par de operações, dito julgamento de existência por Freud. Ora, o que é a *Ausstossung* senão a constituição do objeto pelo impacto de Thanatos sobre o eixo unificante de Eros na *Vereinigung*, que transforma o Um unificante em um outro modo de Um, o Um sozinho de *Há o Um*, fundamento do amor, mas não mais da fusão, como dirá Lacan no Seminário XX (Mais ainda, pp. 90/91)<sup>4</sup>.

A alteridade, inscrita na estrutura mesma do sujeito sob o nome de inconsciente, faz objeção a que o encontro seja unificador. Fazer objeção quer dizer colocar o objeto entre o Um e o Outro. É por isso que, ao retomar, nesse mesmo Seminário, algumas páginas antes (47) o sofisma dos três prisioneiros

---

<sup>3</sup> “*Il y a de l’Un*”, Lacan, J.- Le Séminaire Livro XIX, ...ou pire (1971/72), Paris, Éditions du Seuil, 2011 (Leçon x, 19 avril 1972)

<sup>4</sup> Ídem – *O Seminário, Livro XX – Mais ainda* (1972/73) Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1982, pp 90-91.

apresentado 27 anos antes, em 1945<sup>5</sup>, Lacan aí introduz: no lugar de uma suposta intersubjetividade insustentável entre eles, os prisioneiros, o que há é uma relação que se resume em o Um mais a: "*Eles são três, mas na realidade são dois mais a. Esse dois mais a, no ponto do a, se reduz, não aos dois outros, mas a um Um mais a*"<sup>6</sup>. É aí que se reside o fundamento de toda relação do Um ao Outro, e portanto de todo encontro possível.

A questão, portanto, que se coloca para nós aproxima-se daquela que nossos colegas organizadores deste bom encontro (por mais difícil de se realizar que ele se tenha demonstrado, há um ano, em Florianópolis, sobre um fundo de ausência dos colegas franceses/europeus no CLG de 2016), propuseram no excelente texto de convocação: se um encontro pode ter lugar sobre o plano da coletividade, "aquele do reagrupamento das instituições entre si", como se passa nas curas psicanalíticas, nos passes e nos cartéis, o que é que nós, em Convergência, podemos fazer no sentido de não deixar aos efeitos do acaso as possibilidades de engendrar bons encontros entre nós?

Parece-nos que é sobre o desejo do analista, tomado no plano da *extensão*, que recai essa tarefa. Diremos uma palavra sobre esta categoria de *extensão* para concluir este escrito. A *extensão* não deve ser lida como mera materialização (empírica) da psicanálise nos corpos institucionais intitulados Escolas (no sentido social ou de seu estatuto jurídico) que "presentificariam a psicanálise no mundo", mas no sentido lógico (que René Lew, como nós o lemos, não cessa de nos lembrar) da colocação - em - corpo e em operações (R,S e I) - da *intensão*, de outro modo ilegível e inapreensível, da estrutura mesma do inconsciente freudiano.

No Seminário XI, Lição XIV (a pulsão parcial e seu circuito), Lacan traz uma frase sobre isso que nos parece muito importante,

A legibilidade do sexo na interpretação do mecanismo inconsciente é sempre retroativa. Ela seria apenas da natureza da interpretação se, **a cada instante da história**, não pudéssemos estar seguros de que as pulsões parciais intervieram eficazmente **em tempo e lugar**.<sup>7</sup>

---

<sup>5</sup> Ídem, *O Tempo lógico e a asserção da certeza antecipada* (1945), Escritos, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1998.

<sup>6</sup> Ídem – *O Seminário, Livro XX – Mais ainda* (1972/73) op. cit., p. 67

<sup>7</sup> Ídem, *O Seminário, Livro XI – Os quatro conceitos fundamentais da Psicanálise* (1964), Lição de 13 de maio de 1964, *A pulsão parcial e seu circuito*, Rio, Jorge Zahar Editor, 1979, página 167.

Eis aí a extensão, o que intervém eficazmente em tempo e lugar, duas categorias kantianas que dão à estrutura sua dimensão corporal e sua legibilidade. Esse processo implica a recursividade, como bem assinala René Lew em sua leitura da estrutura em Lacan.

Fazer encontros, seja de laços que comportam a célula do *contra* (que para isso não precisa ser mais do que uma célula) que nos lembrem que a relação sexual é impossível, pode dar lugar a que não se possa mais prever, esperar ter disso nenhum saber prévio.

É bem o que Convergência pode conceber como seu norte, seu fim maior. Como um vaso de porcelana, *craquelé*, cheio de finas fissuras sem fraturas, Convergência se funda sobre a ideia mesma do encontro, mesmo quando o contexto político, que se configura aqui como as disputas de poder, crie toda sorte de obstáculo ao inesperado. Pois uma outra política, aquela que é própria do discurso analítico, e que decorre do desejo do analista, pode bem ir contra essas disputas não pela introdução de um novo ideal no lugar do ideal do exercício do poder, mas revelando desse ideal o caráter derrisório.

Só então o bom encontro poderá ter lugar.

Paris, 17 de junho de 2017.

